

Alguns meios de expressão linguística das relações implícitas que se estabelecem entre orações e entre partes do texto¹

(Some means of linguistic expression of the implicit relations which are held between clauses and between text spans)

Juliano Desiderato Antonio¹

¹ Departamento de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Estadual de Maringá (UEM)

jdantonio@uem.br

Abstract: One of the main principles of Rhetorical Structure Theory is that, besides the propositional content conveyed by the clauses of a text, there are implicit prepositions which arise from the combining of clauses or of bigger text spans. Relations may be linguistically marked by discourse markers or connectives, by conversational implicatures, by the meaning of the verb, by the type of clause combining, verb tense and verb mood. The aim of this paper is to discuss two means of expression of rhetorical relations in spoken language: positive regard towards the content of the nucleus that the speaker intends to create in his addressee; sentence mood and modality.

Keywords: rhetorical relations; means of linguistic expression; Rhetorical Structure Theory.

Resumo: Um dos principais pressupostos da Teoria da Estrutura Retórica do Texto é o de que, além do conteúdo proposicional explícito veiculado pelas orações de um texto, há proposições implícitas que surgem da combinação entre orações ou entre porções maiores de textos. As relações podem ser marcadas linguisticamente de várias maneiras, como por marcadores discursivos ou conectivos, por implicaturas conversacionais, pelo significado do verbo, pelo tipo de combinação entre as orações, pelo modo e tempo verbais etc. Neste trabalho, pretende-se abordar duas formas de expressão das relações retóricas na língua falada: conceito positivo em relação ao conteúdo do núcleo que o falante pretende criar em seu destinatário; modo da oração e modalidade.

Palavras-chave: relações retóricas; meios de expressão; Teoria da Estrutura Retórica.

Introdução

A compreensão de textos depende, dentre outros fatores, do reconhecimento de relações implícitas que são estabelecidas entre as partes do texto. Essas relações, chamadas “proposições relacionais” (MANN; THOMPSON, 1983), “relações discursivas”, “relações de coerência” ou “relações retóricas” (TABOADA, 2009) permeiam todo o texto, desde as porções maiores até as relações estabelecidas entre duas orações e ajudam a dar coerência ao texto, conferindo unidade e permitindo que o produtor atinja seus propósitos com o texto que produziu.

Um tratamento adequado a essa questão das relações de coerência é oferecido pela RST (*Rhetorical Structure Theory* – Teoria da Estrutura Retórica do Texto), uma teoria descritiva que tem por objeto o estudo da organização dos textos, caracterizando as relações que se estabelecem entre as partes do texto (MANN; THOMPSON, 1988; MATTHIESSEN; THOMPSON, 1988; MANN; MATTHIESSEN; THOMPSON, 1992).

¹ Este trabalho apresenta resultados de projeto financiado pela Fundação Araucária-PR, por meio de bolsa de Produtividade em Pesquisa (Convênio 939/2012 – Fundação Araucária – UEM).

A RST parte do princípio de que as relações retóricas que se estabelecem no nível discursivo organizam desde a coerência dos textos até a combinação entre orações (MATTHIESSEN; THOMPSON, 1988).

Ao tratar das relações retóricas tanto no nível discursivo quanto no nível gramatical (combinação entre orações), a RST demonstra sua filiação à Linguística Funcional, um grupo de teorias que consideram essencial para o estudo da língua a função dos elementos linguísticos na comunicação (BUTLER, 2003; NEVES, 1997; NICHOLS, 1984). Mais especificamente, a RST foi desenvolvida no âmbito de outras duas teorias funcionalistas: a Gramática Sistemico-Funcional de Halliday e o Funcionalismo da Costa-Oeste dos Estados Unidos (ANTONIO, 2009).

De acordo com a RST, as proposições relacionais surgem no texto independentemente de sinais específicos de sua existência: não há necessidade de inclusão, no texto, de elementos linguísticos que tenham por função indicar as relações estabelecidas (MANN; THOMPSON, 1983). No entanto, pesquisas têm sido realizadas no sentido de identificar os meios linguísticos utilizados pelos falantes como “pistas” que permitam a identificação das relações retóricas por parte dos destinatários. De acordo com Gómez-González e Taboada (2005) e Taboada (2009), alguns dos meios mais utilizados pelos falantes para marcar as relações são os conectivos e os marcadores discursivos (doravante MDs), que funcionam como “cue words”, ou seja, são palavras que fornecem pistas para a identificação das relações estabelecidas. Outros meios de expressão sugeridos por essas autoras são tempo verbal, modo da oração, encaixamento sintático, significado do verbo, implicaturas conversacionais. Em sua pesquisa a respeito da relação de contraste em diálogos, Ford (2000) observou que o significado das porções de texto também pode ser útil na identificação das relações.

As relações que se estabelecem entre as orações podem ser descritas com base na intenção comunicativa do enunciador e na avaliação que o enunciador faz do enunciatário, e refletem as escolhas do enunciador para organizar e apresentar os conceitos. A identificação dessas relações pelo analista, por sua vez, se baseia em julgamentos funcionais e semânticos, que buscam identificar a função de cada porção de texto, e verificar como o texto produz o efeito desejado em seu possível receptor.

Esses julgamentos são de plausibilidade, pois o analista tem acesso ao texto, tem conhecimento do contexto em que o texto foi produzido e das convenções culturais do produtor do texto e de seus possíveis receptores, mas não tem acesso direto ao produtor do texto ou aos seus possíveis receptores, de forma que não pode afirmar com certeza que esta ou aquela análise é a correta, mas pode sugerir uma análise plausível (MANN; THOMPSON, 1988).

Assim, este trabalho tem como objetivo discutir dois meios de expressão linguística de relações retóricas encontradas no *corpus* de língua falada do Funcpar (Grupo de Pesquisas Funcionalistas do Norte/Noroeste do Paraná), formado por elocuições formais gravadas durante aulas e por entrevistas com professores pesquisadores. Os meios de expressão de que este trabalho irá tratar são os seguintes: conceito positivo em relação ao conteúdo do núcleo que o falante pretende criar em seu destinatário; modo da oração e modalidade.

Fundamentação teórica

RST

Uma lista de aproximadamente vinte e cinco relações foi estabelecida por Mann e Thompson (1988) após a análise de centenas de textos, por meio da RST. Essa lista não representa um rol fechado, mas um grupo de relações suficiente para descrever a maioria dos textos.²

As relações retóricas são definidas pela RST com base em quatro características: a) restrições sobre o núcleo; b) restrições sobre o satélite; c) restrições sobre a combinação entre o núcleo e o satélite; d) efeito. De acordo com Gómez-González e Taboada (2005), a RST tem um viés em relação ao criador do texto, de forma que a característica mais importante na definição das relações é o efeito que o produtor do texto deseja atingir em seu destinatário, ou seja, sua intenção.

No que diz respeito às funções globais, as relações da RST podem ser divididas em dois grupos (MATTHIESSEN; THOMPSON, 1988):

a) relações que dizem respeito ao assunto (*subject matter*), que têm como efeito levar o enunciatário a reconhecer a relação em questão: elaboração, circunstância, solução, causa, resultado, propósito, condição, interpretação, meio, avaliação, reafirmação, resumo, sequência, contraste;

b) relações que dizem respeito à apresentação da relação (*presentational*), que têm como efeito aumentar a inclinação do enunciatário a agir de acordo com o conteúdo do núcleo, concordar com o conteúdo do núcleo, acreditar no conteúdo do núcleo ou aceitar o conteúdo do núcleo: motivação, antítese, fundo, competência, evidência, justificativa, concessão, preparação.

No que diz respeito à organização, as relações podem ser de dois tipos (MANN; THOMPSON, 1988):

a) núcleo-satélite (hipotáticas), nas quais uma porção do texto (satélite – S) é ancilar da outra (núcleo – N), como na Figura 1 a seguir, em que um arco vai da porção que serve de subsídio para a porção que funciona como núcleo.



Figura 1 – Diagrama de relação núcleo-satélite

b) multinucleares (paratáticas), nas quais uma porção do texto não é ancilar da outra, sendo cada porção um núcleo distinto, como na Figura 2 a seguir.

² Uma lista com as relações e suas definições pode ser encontrada no *site* <http://www.sfu.ca/rst/07portuguese/definitions.html>.

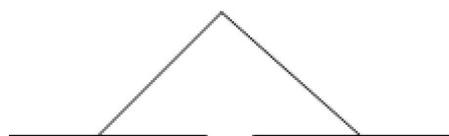


Figura 2 – Diagrama de relação multinuclear

Análise das ocorrências

Conceito positivo em relação ao conteúdo do núcleo que o falante pretende criar em seu destinatário

Na visão da RST, a noção de conceito positivo diz respeito a objetivos que o falante deseja alcançar com seu texto em relação ao destinatário (THOMPSON; MANN, 1987). Alguns objetivos mencionados por Thompson e Mann (1987) são persuadir, ou seja, levar o destinatário do texto a crer no conteúdo do núcleo, criar uma atitude de aprovação ou interesse em relação ao conteúdo do núcleo, criar um desejo, uma intenção de realizar o conteúdo do núcleo.

A partir da noção de conceito positivo, a RST realiza a distinção entre as relações de contraste (cf. Quadro 1) e de concessão (cf. Quadro 2). A última é considerada um recurso utilizado pelo falante para influenciar a crença do destinatário no conteúdo do núcleo, ou seja, é uma relação do tipo *presentational*, ao passo que a primeira é neutra, isto é, quando o falante utiliza a relação de contraste, não tem como intenção influenciar a crença do destinatário no conteúdo do núcleo.

Quadro 1. Definição da relação de contraste

Nome da relação	Restrições sobre cada par de núcleos	Intenção do falante
Contraste	Não mais do que dois núcleos; as situações nesses núcleos são (a) compreendidas como semelhantes em vários aspectos; (b) compreendidas como diferindo em alguns aspectos e (c) comparado com respeito a uma ou mais dessas diferenças.	O destinatário reconhece a comparabilidade e as diferenças levantadas pela comparação sendo feita.

Fonte: Mann e Taboada (2010).

Quadro 2. Definição da relação de concessão

Nome da relação	Restrições sobre N ou sobre S individualmente	Restrições sobre N + S	Intenção do falante/escritor
Concessão	Sobre N: o destinatário tem conceito positivo por N. Sobre S: o destinatário não está defendendo que S não tenha algo a ver.	O destinatário reconhece uma potencial ou aparente incompatibilidade entre N e S; reconhecer a compatibilidade entre N e S aumenta o conceito positivo do destinatário em relação a N.	O conceito positivo do destinatário em relação a N aumenta.

Fonte: Mann e Taboada (2010)

A observação dessa diferença entre as relações de contraste e de concessão pode ser observada nos exemplos das figuras 3 e 4 a seguir. Deve-se notar que, além da diferença

formal entre uma relação multinuclear (contraste) e uma relação núcleo-satélite (concessão), é critério decisivo para a RST a noção de conceito positivo na identificação dessas relações.

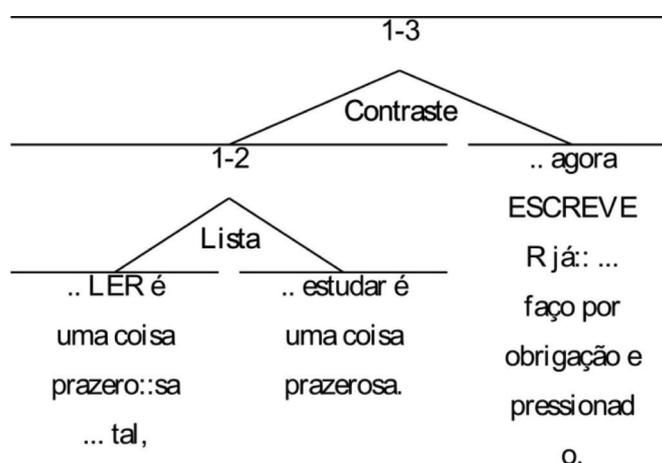


Figura 3 – Exemplo da relação de contraste

Fonte: Autoria própria.

No exemplo da Figura 3 (ANTONIO, 2012), o professor fala sobre suas atividades docentes. O gosto pela leitura e pelo estudo são apresentados como atividades que têm um mesmo estatuto (unidades 1 e 2). Essas atividades são, então, contrastadas com a obrigação profissional de escrever por meio do marcador discursivo *agora* iniciando a unidade 3.

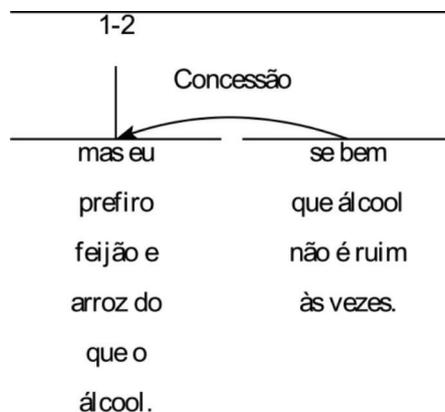


Figura 4 – Exemplo da relação de concessão

Fonte: Autoria própria.

No exemplo da Figura 4 (ANTONIO, 2011), a oração concessiva posposta exerce função discursiva de adendo ou *afterthought* (DECAT, 2001). O fato de se utilizar, na transcrição, o ponto final após a unidade 1 indica uma entonação descendente, típica de final de frase, o que ajuda a comprovar prosodicamente essa análise. O professor, que vinha falando ao longo da aula a respeito da substituição das plantações de alimentos por plantações de cana-de-açúcar, afirma que prefere comida (arroz e feijão) ao combustível (álcool). Na oração concessiva, o falante faz uma ressalva, mas o vocábulo álcool, nessa oração, tem sentido de bebida alcoólica, e não de combustível, como na unidade anterior, provocando, dessa maneira, um efeito de humor durante a aula.

Modo da oração e modalidade

O modo da oração e a modalidade também podem servir como pista para identificação de relações. Além das relações de solução e de preparação, identificadas por Antonio e Takahashi Barbosa (2012) como sendo estabelecidas por orações interrogativas, como nos exemplos das figuras 5 e 6, as relações de motivação e de competência podem ser identificadas quando realizadas por orações no imperativo (cf. figuras 7 e 9) ou por orações que contenham verbos na modalidade deôntica (cf. Figura 8).

Conforme apontado por Antonio e Takahashi Barbosa (2012), no exemplo da Figura 5, o aluno faz uma pergunta ao professor. Essa pergunta, que funciona como porção nuclear (unidades 596-597), traz um problema, que é solucionado pelas informações apresentadas pelo professor na porção que funciona como satélite (unidades 598-601).

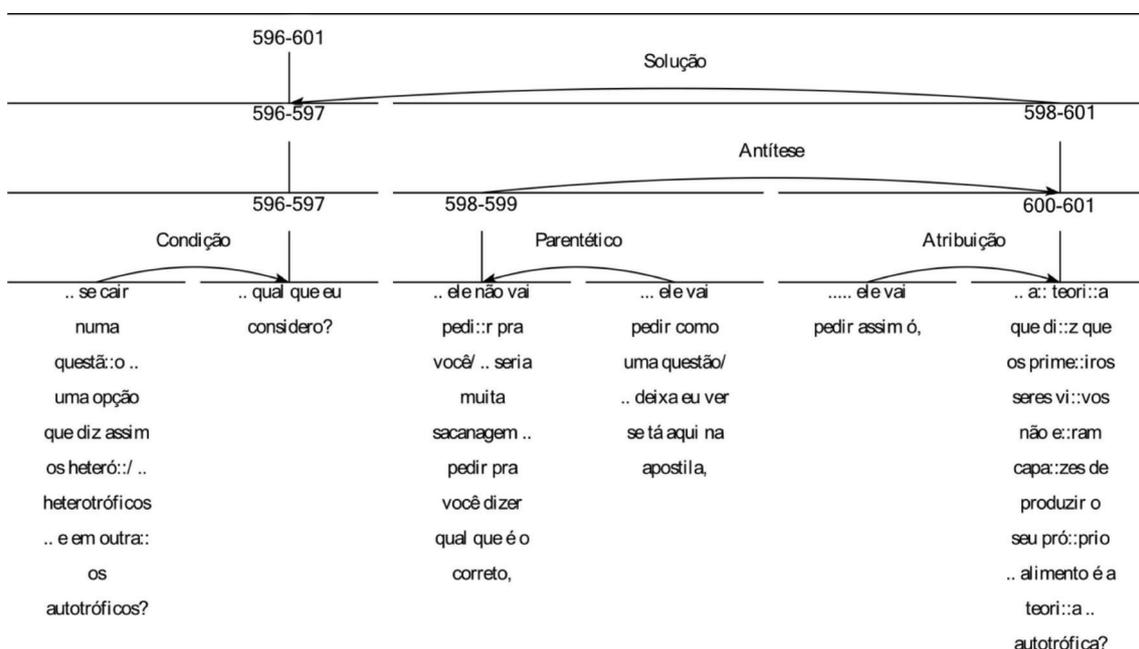


Figura 5 – Exemplo da relação de solução

Fonte: Autoria própria

A definição da relação de solução é apresentada no Quadro 3.

Quadro 3. Definição da relação de solução

Nome da relação	Restrições sobre o núcleo ou sobre o satélite individualmente	Restrições sobre núcleo + satélite	Intenção do falante
Solução	Sobre N: N apresenta um problema.	S é uma solução para o problema apresentado em N.	O destinatário reconhece S como uma solução para o problema apresentado em N.

Fonte: Mann e Taboada (2010).

Conforme observado por Antonio e Takahashi Barbosa (2012), há casos em que o professor não espera que seus alunos respondam, apresentando ele mesmo a resposta. Trata-se das perguntas retóricas, utilizadas pelo professor ao longo da aula como forma de despertar o interesse de seus alunos no conteúdo que apresentará em seguida, como no exemplo da Figura 6.

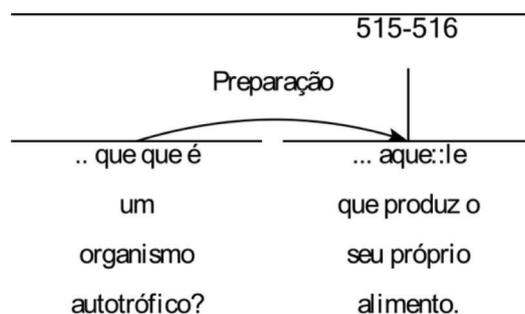


Figura 6 – Exemplo da relação de preparação

Fonte: Aurtoria própria.

A relação que se estabelece entre a pergunta e a resposta é a relação de preparação (cf. Quadro 4).

Quadro 4. Definição da relação de preparação

Nome da relação	Restrições sobre o núcleo ou sobre o satélite individualmente	Restrições sobre núcleo + satélite	Intenção do falante
Preparação	Não há.	S precede N no texto; S tende a fazer com que o destinatário esteja mais preparado, interessado ou orientado para ler/ouvir N.	Tornar o destinatário mais preparado, interessado ou orientado para ler/ouvir N.

Fonte: Mann e Taboada (2010).

O modo imperativo e verbos modais deônticos são utilizados pelo professor para marcar as relações de competência e de motivação, definidas, respectivamente, nos quadros 5 e 6.

Quadro 5. Definição da relação de competência

Nome da relação	Restrições sobre o núcleo ou sobre o satélite individualmente	Restrições sobre núcleo + satélite	Intenção do falante
Competência	Sobre N: N apresenta uma ação que deverá ser realizada pelo destinatário.	A compreensão do conteúdo de S, por parte do destinatário, aumenta sua habilidade potencial para realizar a ação apresentada em N.	O destinatário tem aumentada sua habilidade potencial para realizar a ação apresentada em N.

Fonte: Mann e Thompson (1998).

Quadro 6. Definição da relação de motivação

Nome da relação	Restrições sobre N ou sobre S individualmente	Restrições sobre N + S	Intenção do falante/escritor
Motivação	Sobre N: N é uma ação não realizada com respeito ao contexto de N na qual o destinatário é o ator (incluindo aceitar uma oferta).	Compreender S aumenta o desejo do destinatário de realizar a ação em N.	O desejo do destinatário de realizar a ação em N é aumentado.

Fonte: Mann e Taboada (2010).

No caso da relação de competência, o imperativo é utilizado pelo professor para indicar aos alunos comportamentos e atitudes que eles devem ter para que possam realizar as ações apresentadas no núcleo. No exemplo da Figura 7, o professor de matemática sugere que os alunos “observem”, “olhem” a maneira como ele resolveu o exercício. Isso aumentará a capacidade de eles visualizarem os termos da equação.

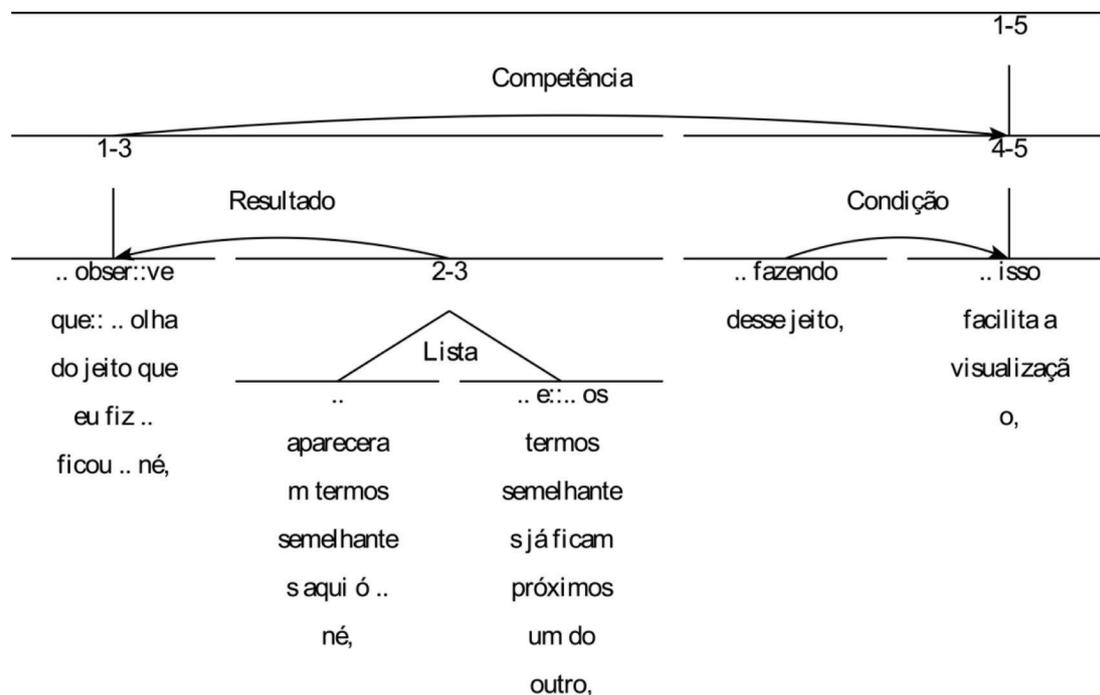


Figura 7 – Exemplo da relação de competência pelo modo imperativo

Fonte: Autoria própria.

A modalidade deôntica, que atua no eixo da conduta (NEVES, 2006), também é utilizada pelos professores para aumentar a habilidade dos alunos para realizar o conteúdo do núcleo. No exemplo da Figura 8, o professor explica aos alunos, por meio da expressão modal deôntica “ter que”, a necessidade de utilizarem a maneira usual de se escrever na Matemática (unidade 1). Isso trará a eles habilidade para realizar o conteúdo do núcleo (unidades 2-11), a saber, compreender a linguagem matemática caso venham a consultar um livro dessa disciplina.

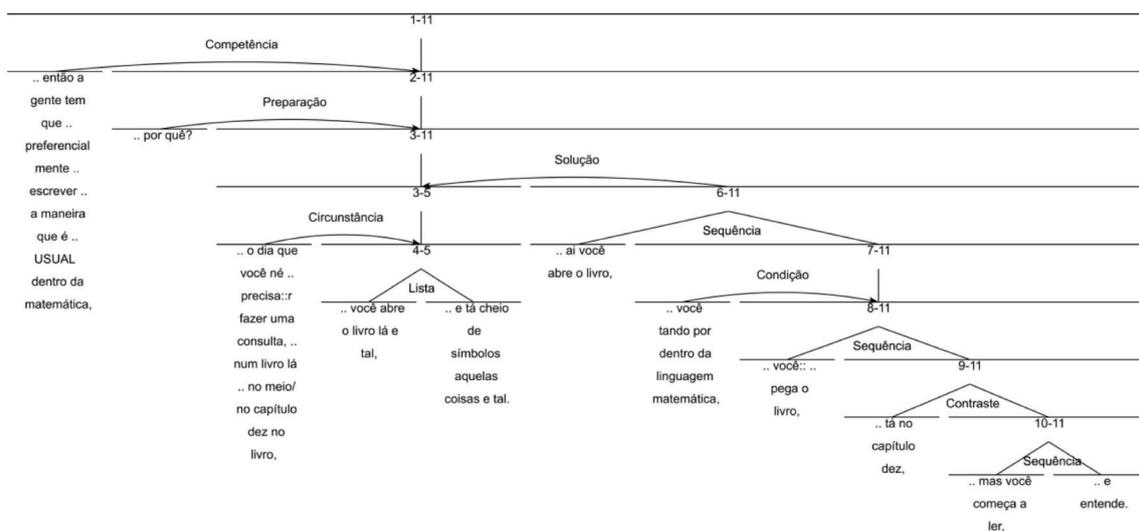


Figura 8 – Exemplo da relação de competência marcada por verbo modal deontico

Fonte: Autoria própria.

No caso da relação de motivação, a intenção do falante é aumentar o desejo do destinatário de realizar a ação apresentada no núcleo. Como observado por Antonio (2012), no exemplo da Figura 9, o conteúdo do satélite (unidades 3-5) traz uma motivação (o professor só irá corrigir os cálculos se realmente existir um erro que chame a atenção) para que os alunos realizem a ação da porção nuclear (unidades 1-2), que os alunos verifiquem seus cálculos. Caso os alunos não realizem o conteúdo do núcleo, os cálculos permanecerão errados.

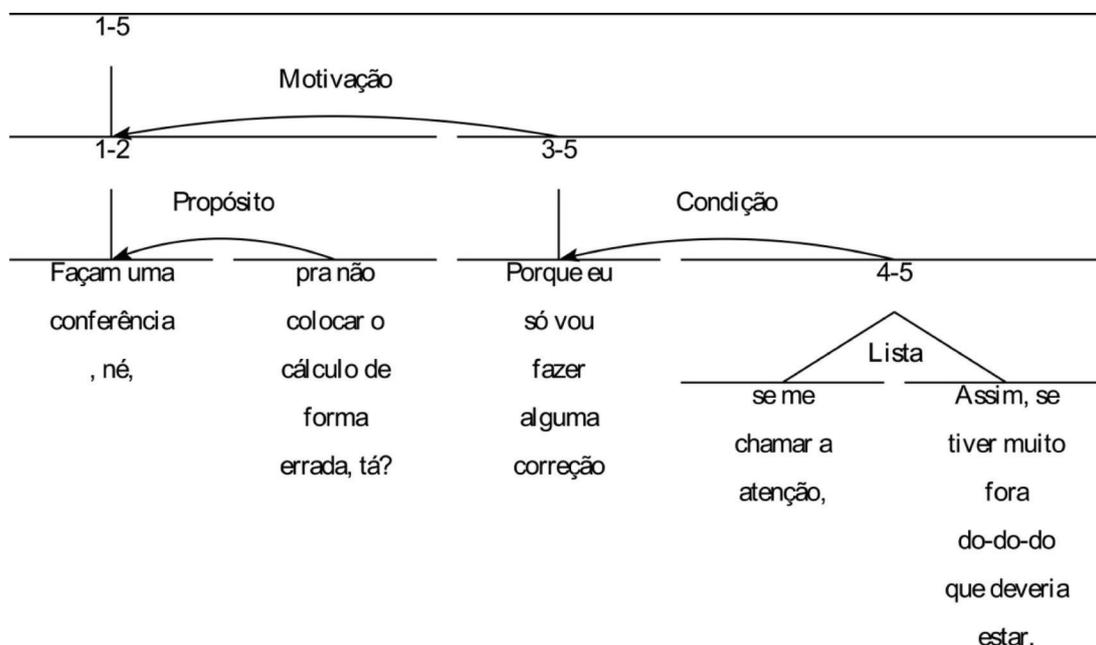


Figura 9 – Exemplo da relação de motivação

Fonte: Autoria própria.

Conclusão

Partindo do pressuposto de que há relações implícitas que são estabelecidas a partir da combinação entre orações e entre partes do texto, este trabalho teve como objetivo discutir dois meios de expressão linguística de relações implícitas encontradas em um *corpus* de língua falada formado por elocuições formais e por entrevistas. Os meios de expressão investigados foram o conceito positivo em relação ao conteúdo do núcleo que o falante pretende criar em seu destinatário; modo da oração e modalidade.

A noção de conceito positivo diz respeito a objetivos que o falante deseja alcançar com seu texto em relação ao destinatário. Essa noção foi utilizada para distinguir as relações de contraste e de concessão. A última é considerada um recurso utilizado pelo falante para influenciar a crença do destinatário no conteúdo do núcleo, ao passo que a primeira é neutra, isto é, não é utilizada pelo falante com intenção de influenciar a crença do destinatário no conteúdo do núcleo.

No caso de modo da oração e modalidade, orações no interrogativo podem marcar relação de solução se houver um pedido legítimo de informação na porção nuclear, considerado um problema, para o qual será apresentada uma solução na porção satélite. Orações no interrogativo também podem marcar relação de preparação quando o falante utiliza a pergunta apenas para criar na audiência o interesse pelo que será falado na sequência. Orações no imperativo ou com verbos modais deônticos são utilizados pelos professores informantes do *corpus* para indicar aos alunos comportamentos e atitudes que eles devem ter para que possam realizar as ações apresentadas no núcleo. Orações no imperativo também podem marcar relação de motivação, em que a intenção do falante é aumentar o desejo do destinatário de realizar a ação apresentada no núcleo.

REFERÊNCIAS

ANTONIO, J. D. Expression of cause, evidence, justify and motivation rhetorical relations by causal hypotactic clauses in Brazilian Portuguese. *Acta Scientiarum Language and Culture*, Maringá, v. 34, n. 2, p. 253-268, 2012.

_____. Expressão da relação retórica de concessão em elocuições formais e entrevistas orais. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 19, p. 143-166, 2011.

_____. O texto como objeto de estudo na Linguística Funcional. In: ANTONIO, J. D.; NAVARRO, P. (Org.) *O texto como objeto de ensino, de descrição lingüística e de análise textual e discursiva*. Maringá: Eduem, 2009. p. 61-80.

ANTONIO, J. D.; TAKAHASHI BARBOSA, C. Relações retóricas estabelecidas por perguntas em elocuições formais. *Revista Todas as Letras*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 186-197, 2012.

BUTLER, C. S. *Structure and function: a guide to three major structural-functional theories*. Part 1: approaches to the simple clause. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 2003. 570 p.

DECAT, M. B. A articulação hipotática adverbial no português em uso. In: DECAT, M. B. et al. (Org.) *Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista*. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 103-166.

FORD, C. The treatment of contrasts in interaction. In: COUPER-KHULEN, E.; KORTMANN, B. (Ed.). *Cause – Condition – Concession – Contrast: Cognitive and Discourse Perspectives*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000. p. 283-310.

GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. A.; TABOADA, M. Coherence Relations in Functional Discourse Grammar. In: MACKENZIE, J. L.; GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. A. (Ed.) *Studies in Functional Discourse Grammar*. Berne: Peter Lang, 2005. p. 227-259.

MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. Rhetorical Structure Theory: toward a functional theory of text organization. *Text*, v. 8, n. 3, p. 243-281, 1988.

_____. *Relational propositions in Discourse*. ISI/RR-83-115, 1983.

MANN, W. C.; MATTHIESSEN, C.; THOMPSON, S. A. Rhetorical Structure Theory and text analysis. In: MANN, W.C.; THOMPSON, S. A. (Ed.) *Discourse description: diverse linguistic analyses of a fund-raising text*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1992. p. 39-77.

MANN, W. C.; TABOADA, M. *RST Web Site*. 2010. Disponível em: <<http://www.sfu.ca/rst/01intro/definitions.html>>. Acesso em: 28 ago. 2012.

MATTHIESSEN, C.; THOMPSON, S. The structure of discourse and ‘subordination’. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (Ed.) *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1988. p. 275-329.

NEVES, M. H. M. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *A Gramática Funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NICHOLS, J. Functional theories of grammar. *Annual review of Anthropology*, Palo Alto, v. 43, p. 97-117, 1984.

TABOADA, M. Implicit and explicit coherence relations. In: RENKEMA, J. (Ed.) *Discourse, of course*. Amsterdam: John Benjamins, 2009. p. 127-140.

THOMPSON, S. A.; MANN, W. C. A discourse view of concession. In: DELANCEY, S.; TOMLIN, R. (Ed.). *Proceedings of the Second Annual Pacific Linguistics Society*. Eugene: University of Oregon, 1987. p. 435-447.